

## A POESIA E SUA TRADUÇÃO, SEGUNDO OS PRIMEIROS ROMÂNTICOS ALEMÃES

*Maria Aparecida Barbosa*

A versão do poema épico indiano *Bhagavad-Gita* do sânscrito para o latim, realizada por August von Schlegel, gerou controvérsia no início do século XIX, nos anos que se seguiram a 1823, quando foi publicada. O trabalho foi criticado pelo sanscritólogo francês S. A. Langlois e criteriosamente estudado por Wilhelm von Humboldt, que não lhe poupou elogios. O filósofo Georg W. F. Hegel baseou-se, por sua vez, no estudo de Humboldt, principalmente para questionar a afirmação de Humboldt e de Schlegel, de que o texto traduzido seria a única poesia antiga com autêntico conteúdo filosófico, e também para fazer algumas observações tradutológicas. Essa polêmica erudita foi enriquecida posteriormente com as opiniões de autores ingleses como H. Th. Colebrooke, também especialista em sânscrito, e Charles Wilkins, que fizera a primeira tradução da *Bhagavad-Gita* para a língua inglesa, em 1784. Esse debate inspiraria então as reflexões de August von Schlegel sobre tradução, que ele escreveu em 1826, ou seja, 3 anos após a sua primeira tradução da *Bhagavad-Gita*. Em 1846, um ano após sua morte, é publicada uma segunda versão que ele havia feito desse mesmo poema.

August von Schlegel era irmão de Friedrich von Schlegel e me parece que seus talentos se complementavam na primeira fase do romantismo alemão, que se estendeu no período de 1797 a 1804. Enquanto August contribuiu decisivamente para estimular o interesse dos românticos por línguas e culturas estrangeiras e por estudá-las e traduzir várias obras de uma maneira sistemática e científica, a filosofia e o pensamento estético de Friedrich, por sua vez, estavam bastante influenciados pelas traduções portuguesas, espanholas e italianas, e por outras de origem asiática, quando ele postulou formas artísticas mais flexíveis, independentes de regras, conforme ainda falarei no final.

Nesta comunicação, gostaria de fazer algumas reflexões sobre tradução em geral, a partir das idéias-chave sobre poesia de Friedrich von Schlegel. Essas idéias foram divulgadas nos seis números da Revista *Athenäum*, publicada pelos dois irmãos na cidade de Iena, entre 1797 e 1800. Também utilizarei algumas das considerações de August von Schlegel, sobre tradução poética, retiradas do seu ensaio mencionado acima.

Esse ensaio foi traduzido por mim para compor a antologia bilingüe dos *Clássicos da Teoria da Tradução*, publicada pelo Núcleo de Tradução, da UFSC.

O autor inicia o ensaio chamado “Sobre a *Bhagavad-Gita*”, fazendo referência a uma opinião de Franz Hemsterhuis (1721-1790), autor holandês que ele admirava. No trecho citado por August von Schlegel, Hemsterhuis nega a possibilidade de tradução do que ele chama de sublime, pois, segundo ele, nas artes, a expressão de um pensamento depende da faculdade reprodutiva da alma, e as feições espirituais do autor e do tradutor são diferentes.

A conclusão negativa de Hemsterhuis não intimidou porém August von Schlegel, uma vez que este confessou depois disso que tentou traduzir Shakespeare, Calderón, Ariosto, Petrarca, Camões, bem como alguns poetas da Antigüidade clássica. Todo esse esforço serviu, como ele declarou em seguida, para convencê-lo de que a tradução é um ofício ingrato, não apenas porque a melhor tradução jamais é considerada uma obra original, mas também porque, na medida em que compreende melhor seu ofício, o próprio tradutor percebe a inevitável imperfeição do seu trabalho.

No final das contas, entretanto, August von Schlegel procurou realçar o valor e a contribuição do verdadeiro tradutor no seu papel de mediador de respeito entre povos de culturas e pensamento algumas vezes extremamente diferentes e às vezes até hostis.

Na seqüência dos seus apontamentos, ele citou algumas das dificuldades que enfrentou quando traduziu a *Bhagavad-Gita*, como, por exemplo, a versão da palavra *yôga*. Ele se recusou a empregar a própria palavra indiana, como Wilkins fez em vários casos, ou como os tradutores persas dos *Upanishad* (versos brâmanes, também escritos no idioma sânscrito) o fizeram. Nesse ponto, ele discordou também da crítica rigorosa de Langlois, que exigia, sobretudo, que uma expressão do texto original usada várias vezes, fosse traduzida sempre pela mesma palavra na língua alvo.

Ora, para mostrar que essa opinião parece descabida, e apenas para ilustrar a versatilidade que o termo *yôga* admite em diferentes contextos, gostaria de enumerar, a seguir, algumas das variantes latinas que apareceram na primeira tradução de August von Schlegel, ou seja, a de 1823: *exercitatio*, *applicatio*, *destinatio*, *disciplina activa*, *devotio*, *mysterium*, *facultas mystica* e *maiestas*.

|              |                    |   |
|--------------|--------------------|---|
| <i>YÔGA:</i> | <i>exercitatio</i> | a fadiga<br>o exercício<br>o uso<br>o costume em alguma coisa |
|--------------|--------------------|---|

|                          |   |
|--------------------------|---|
| <i>applicatio</i>        | a aplicação (dedicação)<br>o juntar alguma coisa a outra  |
| <i>destinatio</i>        | a deliberação<br>a resolução<br>o propósito<br>a determinação   |
| <i>disciplina activa</i> | a instrução<br>o ensino<br>a educação<br>a criação<br>a seita ou escola de algum filósofo<br>a ciência  |
| <i>mysterium</i>         | o mistério<br>a coisa oculta, principalmente religiosa  |
| <i>facultas mystica</i>  | <i>adj.</i> : secreto,<br>místico,<br>misterioso  |
| <i>maiestas</i>          | a majestade<br>a grandeza<br>a soberania<br>a gravidade<br><i>maiestas foeminarum</i> : o decoro,<br>o pudor das mulheres<br><i>maiestas in oratione</i> : a elevação |

A opção do tradutor, neste caso, espelha naturalmente sua familiaridade com a cultura indiana e com o contexto ao qual ele está se referindo. Eu apresentei essas possibilidades de tradução da palavra *yôga*, com a ajuda de um dicionário latim-português, porque essa série pode proporcionar uma idéia do quanto se perde do original com uma tradução imprecisa. Aliás, Friedrich von Schlegel aludiu a isso num fragmento da Revista *Athenäum*: “O que de hábito se perde em traduções boas, ou mesmo ótimas, é justamente o melhor”<sup>1</sup>.

Um outro integrante do grupo dos primeiros românticos alemães, o poeta Barão von Hardenberg, cujo pseudônimo era Novalis, também se referiu a essa perda, quando classificou as traduções entre *gramaticais*, *modificadoras* e *míticas*<sup>2</sup>. A tradução *gramatical* exigiria pouco além do talento mímico e inclinação filológica; a *modificadora* expressaria o ímpeto de um espírito reagindo à influência de outro, e,

---

1 SCHLEGEL, Friedrich von. *Conversa sobre a Poesia e outros fragmentos*. Tradução, Prefácio e Notas: Victor-Pierre Stirnmann. São Paulo: Iluminuras, 1994.

2 Idem. p.16.

embora perigosa, exigiria certa porção de fantasia. Finalmente, a categoria que Novalis considerava mais satisfatória, a da tradução *mítica*, demandaria gênio, que é a faculdade de tratar de objetos imaginários como se fossem objetos efetivos, e também como objetos imaginários mesmo<sup>3</sup>. Literalmente, Novalis se expressou a respeito da tradução *mítica* da seguinte maneira:

Ela representa o caráter puro e real da obra de arte individual. Ela não nos dá a obra de arte real, mas o ideal da mesma. Acredito que não exista um modelo de tradução mítica. Mas, no espírito de alguns críticos e descrições de obras de arte, encontramos seus vestígios evidentes. Para tanto, seria preciso uma cabeça em que o espírito poético e o espírito filosófico tivessem penetrado toda sua plenitude.

Embora a discussão sobre as relações entre a tradução e a crítica exija uma exposição mais exaustiva do que esta, tentarei mostrar o que as aproxima, e, para tanto, recorrerei ao conceito de crítica dos primeiros românticos. Lembro, por exemplo, que Friedrich von Schlegel atribuía à crítica a tarefa de compreender toda a estrutura de uma obra e compará-la a seu próprio ideal. O propósito dessa crítica não seria o julgamento, mas sim, por um lado, o aperfeiçoamento, a complementação, a sistematização da obra, e, por outro lado, a decomposição da obra em seu absoluto poético, sendo que o absoluto poético era a mitologia e uma de suas expressões era a forma simbólica<sup>4</sup>.

Resta a pergunta se é possível uma tradução que, como a crítica, também consiga decompor-recompôr a obra no seu valor absoluto, sem perdas.

Talvez a aproximação entre a tradução e a crítica só possa ser pensada nos termos do fragmento 116 da Revista *Athenäum*, que fala sobre o gênero que está em eterno desenvolvimento, sobre as formas artísticas abertas, conforme introduzi

---

3 O talento para expor, observar com precisão, descrever finalisticamente, a observação, é portanto diferente do gênio. Sem esse talento vê-se somente pela metade, e se é somente um meio gênio; pode-se ter uma disposição genial, que, na falta daquele talento, nunca chega ao desenvolvimento. “Fragmentos de Pólen” (“Folhetim” da *Folha de São Paulo*, 27/05/88, p.B-9).

4 A idéia da nova mitologia não foi lançada pelos primeiros românticos, mas sim, tratava-se de uma discussão estética corrente no século XVIII. Para o Iluminismo, os mitos e deuses da Antigüidade grega representavam concepções supersticiosas e não a verdade e a razão. Johann Gottfried Herder, nas suas *Cartas sobre a nova Literatura Alemã* (1767), protestou contra as críticas quanto ao uso dos mitos. Segundo ele, a ficção, a força de imaginação reivindicava seu direito de se expressar além da razão. Mais tarde, Herder postulou uma mitologia totalmente nova, uma renovação poética da mitologia com o espírito dos mitos nórdicos. A Poesia torna-se a primeira entre as artes e as ciências, porque, para os românticos, ela faz uso da fantasia para representar o que a Filosofia só pode conceber através de conceitos abstratos. Para isso, a mitologia estaria do lado da Poesia. O arabesco, por exemplo, é uma forma simbólica. Trata-se do ornamento estilizado da arte islâmica usado para folhas de papel, e foi transferido para a Literatura por Friedrich von Schlegel para referir-se a repetições, entrelaçamentos e entrecruzamentos, característicos da fantástica imaginação dos contos impregnados de leveza irônica e de abundância.

anteriormente. Nesse longo e famoso fragmento, Friedrich von Schlegel falou da determinação da poesia romântica de *reunificar todos os gêneros separados da poesia*, bem como de fundir, às vezes misturar, *poesia e prosa, genialidade e crítica*, instituindo, assim, o que ele denominou a *poesia universal progressiva*. Eis um trecho do fragmento:

[a poesia universal progressiva] pode pairar suspensa nas asas da reflexão poética, equidistante do que é exposto e daquele que expõe, livre de qualquer interesse real ou ideal, e potenciar continuamente essa reflexão, multiplicá-la como em uma série infinita de espelhos. (A 116)

Se neste início do século XXI nós estamos mais uma vez postulando tal permeabilidade entre os gêneros, então, talvez sejamos capazes de pensar a tradução *mítica* da poesia como a reflexão e a crítica feitas a partir da poesia e da tradução da poesia, potenciando-se através de múltiplas contribuições. Assim, eu diria que a experiência de tradução da *Bhagavad-Gita* feita por August von Schlegel e toda a polêmica que ela gerou pode ser considerada uma forma de tradução mítica. A versão do poema para o latim foi sendo gradativamente aprimorada, complementada, aperfeiçoada por vários críticos, vários poetas, como o modelo de escritura idealizada pelos próprios românticos, à qual novos textos iriam se integrando, num crescimento constante.

## REFERÊNCIAS

SCHLEGEL, Friedrich von. “Sobre a *Bhagavad-Gita*”. In: HEIDERMAN, Werner (org.). *Clássicos da Teoria da Tradução*. Florianópolis: Núcleo de Tradução/UFSC, 2001.

IDEM. *Conversa sobre a Poesia e outros Fragmentos*. Tradução, Prefácio e Notas de Victor-Pierre Stirnmann. São Paulo: Iluminuras, 1994.

SOUSA, Francisco Antonio de. *Novo Dicionário Latino-Português*. Edição atualizada e aumentada por José Lello e Edgar Lello. Porto: Lello & Irmão, s/d.